

ÉMILIE AUDIGIER & SOPHIE REBECCA LEWIS

“Está em nossas mãos dar a conhecer a literatura brasileira a um leque bastante variado de leitores”

A internacionalização das literaturas é uma aventura que tem, entre seus protagonistas, esses espíritos abertos e dados à alteridade chamados tradutores. É o que se pode dizer de Émilie Audigier e Sophie Rebecca Lewis, que viram o Brasil como país capaz de produzir uma ficção que, desde o século XIX, não deve nada à do Velho Mundo. Assim, em alguns anos de trabalho já fizeram circular na Europa contos e romances de muitos escritores brasileiros.

Émilie travou os primeiros contatos com tradução durante a graduação na Universidade da Provença, onde teve oportunidade de conhecer o estilo de Guimarães Rosa. O entusiasmo a levou a dedicar a dissertação de mestrado às traduções dos textos do autor mineiro para o francês. Em seguida, fez um doutorado ao final do qual defendeu uma tese acerca do trabalho empreendido por tradutores franceses com escritos de Rosa e de Machado de Assis.

Em movimento estimulado pelo seu próprio objeto de pesquisa, Émilie se inseriu no mercado editorial, onde desenvolveu projetos dedicados à publicação em francês de escritores brasileiros em atividade, dos quais verteu vários livros para sua língua. Essa experiência multifacetada lhe possibilita fazer palestras e organizar oficinas de tradução em que o *campus* e o mundo da edição aparecem perfeitamente integrados.

Teoria e tarimba esbanja também Sophie, que congrega estudo e prática da tradução. Formada pela Universidade de Oxford, traduziu para o inglês diversas obras francesas, além de narrativas

curtas publicadas originalmente em países francófonos e também lusófonos. Publicou esses trabalhos por diferentes editoras e revistas, junto às quais atua como agente literária.

Igualmente importante é sua função de editora da *And Other Stories*, editora inglesa responsável pela construção de um catálogo bastante cosmopolita, no qual figuram ficcionistas de países de língua portuguesa. E assim se explica que Sophie consiga abordar as relações entre autor, tradutor e editor com um senso democrático facilitado pela alternância entre pontos de vista.

Boa parte dos caminhos percorridos por Émilie e Sophie aparece nesta entrevista, realizada em 2014, durante o V Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. Ambas contam histórias de tradução, com realce para as soluções encontradas para os percalços oferecidos pelos textos. Também avaliam a diferença entre traduzir os clássicos e os contemporâneos. Finalmente, passam das dificuldades de traduzir a ficção de nosso extenso país ao destaque da literatura como porta de acesso a camadas profundas do Brasil.

Maria Lucia Guimarães de Faria

Maria Lucia – *Iniciarei nossa conversa com uma pergunta simples, mas que pode nos ajudar a conhecer o trabalho de ambas: por que traduzir literatura brasileira?*

Émilie – Me formei em Literatura Comparada na Universidade da Provença, onde tive meu primeiro contato prático com o ofício de tradutora, por meio de uma professora brasileira que já havia traduzido para o francês algumas obras importantes, como *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa, e *Iracema*, de José de Alencar. A leitura dos livros do escritor mineiro, entre outros, não só despertou meu interesse pela literatura brasileira como me instigou a conhecê-la mais profundamente, sobretudo em sua fase contemporânea. Esse encontro com a literatura brasileira foi fundamental também para que eu me aproximasse deste país, que escolhi como meu segundo lar.

Sophie – Trabalho no setor de tradução de uma editora, portanto desempenho uma função que ajuda a desenvolver um certo olhar político, no sentido de ouvir o que está sendo dito em outros países. No caso da literatura brasileira, ela me faz pensar em quão desconhecida é a língua portuguesa, apesar de sua importância histórica. Infelizmente, não há muitos textos em português – falo mais especificamente dos textos brasileiros – traduzidos mundo afora e, por isso mesmo, transpô-los para o inglês é um desafio. Está em nossas mãos dar a conhecer a literatura brasileira a um leque bastante variado de leitores.

Maria Lucia – *O que as motivou, na qualidade de tradutoras, a se debruçarem sobre a obra de nossos autores? O movimento inicial partiu*

de vocês mesmas ou se deu a partir de alguma demanda profissional? Que gratificação vocês encontram nesse trabalho?

Sophie – Para mim, uma das grandes gratificações foi conhecer a obra de Rodrigo de Souza Leão. Em português, eu já havia lido alguns contos de outros autores, mas seu *Todos os cachorros são azuis* foi o primeiro romance que percorri inteiro na língua do Brasil. Embora o Rodrigo não seja muito conhecido nem mesmo aqui, achei que seria uma voz forte o bastante para ultrapassar as fronteiras. Ainda mais que sua literatura tem uma relação íntima – e até meio louca – com a pintura, a poesia e a reportagem. Claro, muitos escritores já trataram desse tema, muito já foi dito a respeito da mistura dos gêneros, mas o foco do Rodrigo é extremamente pessoal e, talvez, um tanto inusitado. De modo que apresentar ao mundo uma obra como a sua me dá muita alegria e um enorme prazer. E pouco importa que os centros de estudo e a mídia internacional não tenham – ainda – atentado para a importância da literatura brasileira e de nossas traduções. Descobrir e conhecer profundamente a língua portuguesa por meio da literatura brasileira é, em si, uma grande recompensa pelo trabalho realizado.

Émilie – Meu contato com a ficção e a poesia em língua portuguesa aconteceu primeiramente com a literatura de Portugal. Mas a literatura brasileira sempre me atraiu. Eu ouvia falar dos escritores mais conhecidos, sem ter exatamente contato com o que eles haviam publicado, e ficava curiosa. Mais tarde, quando enfim mergulhei na obra de Guimarães Rosa, fiquei espantada e fascinada. Tanto que li a tradução em francês de *Grande sertão: veredas* em praticamente

uma semana. Depois conheci Clarice Lispector, Machado de Assis, os clássicos. Dos contemporâneos, quase nada, pois é raro encontrar na França alguma tradução do que se produz aqui e agora. Além da editora Métailié, uma das poucas editoras a demonstrarem interesse em publicar literatura brasileira atual é a Chandeigne, para a qual trabalho. Atento ao meu interesse pela ficção brasileira contemporânea, o conselho editorial me pediu uma sugestão para uma possível tradução e indiquei o volume de contos *Faca*, de Ronaldo Correia de Brito. A editora concordou, fiz a tradução e, em 2013, a coletânea foi lançada na França. Então, para mim, saber que um livro brasileiro foi publicado em meu país basicamente graças a meu empenho é muito gratificante.

Maria Lucia – *Passo agora a questões mais técnicas que têm a ver com a atuação de nossas duas tradutoras. À Émilie, que trabalhou com Machado e Rosa, eu perguntaria se é mais fácil traduzir clássicos ou autores recentes. À Sophie, que tem mais experiência com traduções do francês para o inglês e somente há alguns anos começou a trabalhar com o português, eu pediria que comparasse o grau de dificuldade de traduzir obras francesas e brasileiras contemporâneas.*

Émilie – Ainda não tive oportunidade de traduzir nenhum clássico brasileiro. O trabalho que fiz sobre Machado e Rosa foi de cunho acadêmico. A grande diferença é que, no caso de uma nova tradução de um texto clássico, temos à nossa disposição o histórico de traduções precedentes, que muitas vezes são primorosas a ponto de haverem colocado o vocabulário em conformidade com o original, o que evidentemente pode servir de base para o que fazemos.

Quanto à literatura contemporânea, isso geralmente não acontece. Além do mais, a forma como os escritores trabalham a língua mudou bastante ao longo do tempo. Ronaldo Correia de Brito, por exemplo, tem uma linguagem bem sofisticada e nos impõe desafios tão grandes quanto os clássicos. Portanto, traduzir é, antes de tudo, compreender que cada obra é singular. É aceitar o jogo do texto – que, no fundo, não possui regras –, permitir que tanto sua forma quanto seu conteúdo nos atinjam, assim como seu ritmo e sua sonoridade: tudo será importante quando se trata de fazermos uma tradução de excelência.

Sophie – Recentemente assisti a uma oficina de tradução e acompanhei o trabalho de uma das alunas sobre o mais recente romance de Ana Paula Maia, *De gados e homens*. A moça levou também um *book trailer*, feito para promover o livro no mercado americano. Como o romance trata mais ou menos da relação dos homens com os bovinos, a tradução girou em torno do universo e dos dialetos dos caubóis. Achei a ideia interessante como tentativa de encontrar uma maneira de tornar o livro compreensível para os leitores norte-americanos, ou, melhor dizendo, de tornar o universo ficcional de Ana Paula Maia reconhecível pelos estadunidenses. Porém, me questioneei se, atribuindo ao romance códigos adequados ao juízo do público norte-americano, a jovem tradutora não o estaria desbrasileirando. Em suma, embora a técnica tenha sua validade, precisa ser usada sem exagero e com todo o cuidado, sob pena de descaracterizar a proposta estética do texto ficcional. O faroeste não corresponde ao interior do Brasil. E talvez o grande desafio do tradutor seja justamente encontrar uma linguagem que comunique

as diferenças desses tipos geográficos, sem desfigurar a essência do ambiente onde se passa a narrativa, onde estão inseridos os personagens. Afinal, estamos lidando com variações linguísticas, com as ditas gírias de uma determinada região, expressões dificilmente encontradas nos dicionários – e isso nos obriga a procurar um meio-termo entre recriar e ser fidedigno ao original.

Maria Lucia – *Isso vale para traduções tanto do português como do francês? Ou seja, os desafios são equivalentes ou você vê uma diferença, digamos, específica no português?*

Sophie – De fato há uma diferença, intimamente relacionada às próprias dimensões geográficas da França e do Brasil. De volta à questão da variação linguística, a quantidade de dialetos encontrados no Brasil ultrapassa consideravelmente o número de dialetos da França. Em todas as partes do Brasil se produz literatura, cada uma com uma voz muito particular, todas se desenvolvendo de modo dispar. Para o tradutor, isso gera um problema, pois ele raramente consegue reconhecer tais diferenças, muito menos dar-lhes os devidos contornos no instante de transpor o texto para sua língua.

Maria Lucia – *Certa vez, Paulo Bezerra, tradutor de Dostoiévski para o português, afirmou que ia “até o fim do inferno atrás do sentido das palavras”. No polo oposto, o poeta e também tradutor Haroldo de Campos propõe a tradução como transcrição, considerando, como Walter Benjamin, que a tradução que não privilegia a forma se restringe à transmissão inexata de conteúdos inessenciais. Eu pediria que falassem sobre o posicionamento de vocês acerca da relação entre forma e conteúdo, forma e sentido, tanto do ponto de vista*

teórico quanto do exercício prático do ofício de tradutoras. Às vezes, o profissional tem uma posição teórica muito definida, mas a prática não acontece conforme o esperado. Eu gostaria de saber se vocês têm uma posição teórica e se conseguem manifestá-la completamente durante o trabalho de tradução, ou se, no decorrer do processo, são forçadas a fazer concessões.

Sophie – Em minha trajetória como tradutora e editora, tenho priorizado o lado prático e mercadológico do trabalho com a literatura. Aprendi muito da técnica de tradução acompanhando a atividade de gente do meio que admiro muito; gente que possui uma metodologia própria, alinhada a conceitos teóricos basilares. No entanto, penso que, durante a tradução, o emprego restrito da teoria pode asfixiar a obra. Em outras palavras, traduzir sob os ditames da pura teoria é correr o risco de trair o texto. Na tradução do francês para o inglês, há quem opte, por exemplo, por chegar o mais perto possível da estrutura sintática do original. É o caso da tradução de *Madame Bovary*, de Flaubert, pela famosa escritora e tradutora Lydia Davis. Acho isso difícil. Mais, até: arrisco afirmar que isso não é tradução. As línguas não funcionam do mesmo jeito. Ou seja, o tradutor precisa exercitar a qualidade da diplomacia – sempre em benefício da sensibilidade do leitor.

Maria Lucia – *A tradução que privilegia a forma é justamente a transcriadora. Seus praticantes entendem que, em vez de se fazer uma réplica morta e seca do original, deve-se tentar achar, na medida do possível, uma forma nova. Em vez de ficar preso a esse ou àquele sentido, convém, se preciso, contrariá-lo. A ideia é simular o movimento criador do original na outra língua. Os debates passam por aí, não acham?*

Sophie – Sim. Os melhores tradutores descobrem formas bastante originais de recriar as estruturas sintáticas e semânticas utilizadas pelo autor. Realizam um trabalho hercúleo e muito impressionante. É de se acrescentar apenas que precisam respeitar determinados limites, sob pena de o resultado se mostrar problemático.

Émilie – Entre os pesquisadores, o debate acerca das relações entre teoria e prática é muito importante e bastante acalorado. Trabalhei com teoria da tradução e pude perceber que fundamentar nosso exercício apenas na prática ou apenas na teoria invariavelmente conduz a algum tipo de frustração, seja de ordem profissional, seja de ordem pessoal. Quando comecei a me interessar pela literatura do Rosa – e não passava, naquela época, de uma tradutora amadora –, tinha uma posição sobre os outros tradutores que começou a mudar no momento em que me profissionalizei. Com a prática, pode acontecer de você abandonar o ponto de vista de um leitor despretenhoso, que enxerga a esfera da narrativa estrangeira sob seu prisma íntimo, às vezes nacionalista, para se deixar contaminar pela língua com que está em contato, tanto quanto para transformar o texto que tem em mãos numa obra representativa de seu país. É uma questão de escolha, sobretudo editorial. Seja como for, você deve não perder de vista o leitor que o livro convoca. Em minha prática, me preocupo com a língua francesa e com o leitor. Não posso deixar, por exemplo, que um trecho se mostre canhestro em francês. A tradução precisa ter fluidez, de modo que a leitura seja, no mínimo, agradável. Em resumo, a teoria não ajuda tanto assim no trabalho do tradutor. No fundo, ela é somente um posicionamento crítico.

Sophie – A esse propósito, vivi uma história curiosa como editora. Certa vez, um tradutor enviou, juntamente com o texto do russo Oleg Pavlov que havia traduzido, uma explicação pormenorizada do trabalho realizado, com a sugestão de que eu a publicasse como introdução do livro. Li com um certo horror sua explicação, porque ela não só apontava a dificuldade de abordar a linguagem técnica de Pavlov como, nas entrelinhas, comunicava que também para o leitor seria complicado, já que até os russos se viam constrangidos perante o autor. Segundo a avaliação do tradutor, apenas trinta por cento da tradução poderia ser considerada bem-sucedida; o resto era ruim. Deliberadamente ruim, é importante frisar, o que havia exigido dele um trabalho descomunal de escolha de palavras e edição de texto. Um tanto desanimada, passei à leitura da tradução e, surpreendentemente, achei uma maravilha. Difícil e estranha, é verdade, mas como se fosse uma janela posta entre dois mundos: o da ficção e o da realidade. Quer dizer, a estratégia que esse tradutor usou foi exitosa, apesar de sua descrença em seus próprios esforços. É bom que se diga que publiquei sua tradução, mas não sua explicação.

Maria Lucia – *Gostaria que vocês duas nos permitissem dar uma olhadela no ateliê de cada uma, no momento em que estão tomadas pelo suor, enfrentando as dificuldades do processo de tradução. Objetivamente, pediria que comentassem algum trabalho realizado. Começando pela Émilie, pensei na mencionada tradução de Faca, do Ronaldo Correia de Brito, que deve ter sido um grande desafio em termos de linguagem, mesmo para você, que atualmente mora no Brasil. Embora os dramas humanos sejam o tema principal dos contos, trata-se do livro de um cearense que trabalha bastante com o contexto, os costumes e as tradições*

do Nordeste. Além disso, como você própria disse, tem uma linguagem muito apurada. O que nos conta da experiência de traduzi-lo?

Émilie – Bom, o primeiro impasse surgiu no próprio título, que em português é curto, forte e extremamente significativo: *Faca*. Já na edição francesa ficou enorme: *Le Jour où Otacilio Mendes vit le soleil*. Um título que não corresponde à proposta da coletânea, que tem em cada conto um personagem trazendo consigo uma faca, à espera de um final trágico. Sem esquecer que o próprio estilo do Ronaldo é cortante. Por que, então, esse título em francês? Antes de tudo porque “faca” seria “couteau”, palavra francesa que sugeriria um livro mais de culinária que de literatura. A escolha do título foi bastante demorada. Após uma pesquisa acerca de todos os tipos de facas e objetos cortantes, cheguei a sugerir algumas alternativas, mas nenhuma deu certo. Aí propus “lame”, que é lâmina, só que em francês tem o problema sonoro, que levaria também a “l’âme”, “a alma”. Por isso também foi descartada. No fim das contas, quem escolheu o título foi o editor, que o retirou de um dos contos, o que deu ao livro um aspecto, a um só tempo, poético, luminoso e meio misterioso. Embora distante do sentido do título original, coube perfeitamente para a tradução francesa.

Depois, à medida que avançava na tradução, precisei enfrentar outros percalços, como a questão dos nomes dos personagens e dos lugares – não os nomes próprios, que via de regra não se traduz, mas os que contêm alguma simbologia. Em vários momentos, o Ronaldo se refere ao Rio São Francisco como Velho Chico: o francês dificilmente associaria o nome próprio ao rio. Então acrescentamos um glossário que apresenta diversas referências importantes para

a compreensão do livro. Inserimos também vocábulos regionais, assim como nomes de árvores do sertão, frutas e personagens históricos, como Zumbi, por exemplo.

Também tive de fazer um esforço tremendo para transmitir bem, para o leitor francês, algumas passagens complicadas, como os aforismos postos aqui e ali pelo autor. Hesitei se deveria traduzi-los literalmente ou usar de algum provérbio equivalente, que existisse na língua francesa. Mas optamos pela tradução literal. Uma das situações embaraçosas envolvendo expressões regionalistas foi não saber ao certo o que fazer com uma sentença que dizia que “as histórias não têm apenas princípio e fim, elas são sobretudo o meio, que é o tempo de maior duração, o de se comer juntos uma arroba de sal”. Essa “arroba de sal” é bastante difícil de traduzir. Eu queria manter a imagem da “arroba de sal”, que é bela e vigorosa, mas os editores discordaram e, dentre inúmeras possibilidades, escolhi uma expressão francesa equivalente: “le temps d’ajouter des années à la vie” [“o tempo de acrescentar mais anos à vida”].

Maria Lucia – *Sophie, como você editou traduções de literatura brasileira, mas não as traduziu, pensei em perguntar a respeito do impactante Thérèse et Isabelle, da escritora francesa Violette Leduc. Na tradução para o inglês que você fez desse romance, percebemos seu esforço mas também seu prazer. Importa-se de falar um pouco sobre essa combinação?*

Sophie – Violette Leduc é uma autora meio escamoteada no meio literário. Simone de Beauvoir a ajudou, mas também a dominou. Violette enfrentou grandes dificuldades para publicar, principal-

mente porque abordava o sexo com muita verdade. Entre suas narrativas encontra-se um tipo de autobiografia, ou autoficção, em três partes, das quais a primeira trata de sua paixão por outra menina da escola religiosa. Depois a autora produziu diversos outros textos, cada vez menos convencionais, sobre os quais os editores diziam: “Isso é ótimo, mas não podemos lançar, pois será considerado ilegal e nos criará problemas com a lei”. Assim, a primeira parte da autoficção, sobre a paixão adolescente, teve tiragens pequenas e edições censuradas, até que, em 2000, a Gallimard a publicou. Apenas em 2000! Ou seja: décadas depois do momento de escrita!

Pois bem: tive a honra de encarar o desafio de traduzir esse livro. Imagine quão provocativo pode ser um texto que põe às claras o relacionamento de uma menina introvertida e sua colega de escola. Além disso, retrata as condições de vida de estudantes que ocupam aposentos mínimos, asfixiantes, sem janelas, mas ao mesmo tempo gozam de uma certa liberdade. Uma das dificuldades foi encontrar vocábulos em inglês para traduzir aquela realidade. Para “cubículo”, por exemplo, escolhi “box”, que definitivamente não acho adequado, mas poderia estabelecer uma relação com as gírias usadas pelas alunas quando se referiam aos cômodos onde dormiam. Por outro lado, poderia aludir à sensação que aquele colégio opressor despertava no íntimo de cada uma.

Quanto ao sexo, é um assunto que o francês se sente muito mais à vontade do que nós para tratar. Ao transpormos para o inglês essa concepção “espontânea” francesa, somos obrigados a optar entre a frieza clínica, quase patológica, ou a pornografia escrachada. Mesmo para isso dispomos de poucas palavras e expressões. Para reconstruir, no inglês, o relacionamento sexual das duas meninas,

precisei pesquisar literaturas lésbicas de todo o século, conversar com amigos e fazer verdadeiros ensaios. Foi uma aventura extenuante. Especialmente porque Violette Leduc adentra a psicologia dos personagens e abandona as convenções da gramática. Ao final, a editora queria limpar o texto, torná-lo impessoal, meio aos moldes de um best-seller. Precisei brigar para defender minha tradução: argumentei, apresentei as razões da autora e disse de sua vontade de produzir um romance realmente estranho.

Maria Lucia – *Pensando agora na experiência do leitor: a proposta é fazê-lo esquecer que não está com o original ou, pelo contrário, torná-lo agudamente consciente de que tem diante de si um texto que passou por uma operação interpretativa, criativa, crítica e interventiva? Dizem que um dos prazeres da velhice de Goethe era ler-se na tradução do Gérard de Nerval. Ele achava que, em alguns momentos, Nerval tinha ido além dele e o superado. Há também casos como o de Rosa, que acompanhou laboriosamente o trabalho de alguns tradutores, às vezes até corrigindo. Por exemplo: ele recebia a tradução do alemão antes da publicação, elogiava muito, mas mexia em quase tudo.*

Émilie – A teoria da tradução discute as duas opções. Na França, pode acontecer de algumas editoras optarem por não suscitar no leitor um estranhamento muito grande, do ponto de vista ideológico e poético. Particularmente, gosto de imprimir minhas marcas de tradução no texto. Afinal, nesse processo de pesquisa, escrita e reescrita, sou coautora da obra. Acho interessante dar voz a quem traduz, por que não? Mesmo que seja numa nota de rodapé. Não sou muito adepta de acrescentar notas em tradução, porém acho justo o leitor tomar

consciência de que está lendo um livro arduamente trabalhado pelo escritor e, depois, arduamente retrabalhado pelo tradutor.

Sophie – Acho desgastantes as negociações, entre editores e tradutores, em torno da permanência ou não, na versão final, do olhar do tradutor acerca do universo do texto original. A chave dessa mediação talvez seja a boa vontade, de ambas as partes, em encontrar a intenção do autor, em ir além do que simplesmente está sendo dito no escrito. É evidente que há uma enorme diferença entre traduzir um livro que se pretende de entretenimento e traduzir uma obra cujo exercício com a linguagem é levado ao extremo. João Guimarães Rosa, aqui no Brasil, inventou uma língua. Como deixar de lado esse detalhe fundamental no momento da tradução? Nesse sentido, o olhar do tradutor é imprescindível. Não apenas o olhar, mas seu sentimento quanto à intenção do autor.

Tamara Amaral (UFRJ) – *Minha linha de pesquisa, aqui na Faculdade de Letras, se direciona ao uso da literatura na formação docente. Para vocês, que são estrangeiras, em que a literatura brasileira contribuiu para o aprendizado de nossa língua e a familiarização com nossa cultura?*

Sophie – Não tenho a menor dúvida de que a literatura foi essencial para que eu me interessasse, conhecesse, admirasse a língua e a cultura dos brasileiros. A literatura me parece uma das ferramentas mais eficazes quando se trata de tentar compreender o mundo.

Émilie – Para mim também a literatura teve um papel preponderante no aprendizado da língua e da cultura brasileiras. Mas o fato

de eu morar aqui me fez conhecer de perto, na prática cotidiana, o que de fato significa ser brasileiro, falar e agir como tal. Isso ajuda muitíssimo na tradução.

Gregory Costa (UFRJ) – *Em seu trabalho com a linguagem, Guimarães Rosa fez uso de uma série de métodos de formação de palavras para, a partir disso, realizar uma infinidade de combinações diferentes. A linguagem soa inusitada, como se fosse um idioma novo, ao mesmo tempo que ecoa modos de fala típicos do sertão mineiro. Pergunto a vocês: como traduzir, por exemplo, a palavra “nonada”, que abre Grande sertão: veredas, preservando a capacidade, presente nos textos rosianos em português, de forjar a fala do sertanejo alçando-a, também, à categoria mitopoética?*

Émilie – Todos sabemos do desafio que Guimarães Rosa representa para os tradutores. Na França, *Grande sertão: veredas* teve duas traduções: a primeira em 1972 e a segunda em 1999. Em breve, vai sair uma terceira tradução. Se lembro bem, o primeiro tradutor deixou “nonada” em português e a segunda tradutora traduziu por “Que nenni”, que é um belo achado. Prova da complexidade do trabalho do tradutor é a necessidade de destrinchar a aglutinação que Rosa faz de palavras de várias regiões e tempos históricos do mundo. Ao tradutor cabe se aprofundar no estudo de todas essas línguas, antes de escolher a expressão mais adequada à transmissão da poeticidade do autor.

Sophie – Nunca traduzi Guimarães Rosa, mas creio que qualquer tradutor, não sem muito esforço, consegue romper as fronteiras do impossível que obras como a dele impõem. É possível encontrar, no

processo de tradução, um ponto de equilíbrio entre os significantes e significados do original e da língua para a qual ele é transposto.

Cintia Lopes (UFJF) – *No momento vocês estão desenvolvendo algum projeto de tradução da ficção brasileira contemporânea?*

Sophie – Eu realmente adoraria traduzir a poesia e a prosa de Hilda Hilst, mas tenho consciência de minhas limitações. Portanto, preciso pesquisar mais um pouco, conhecer mais a literatura brasileira, então dar o primeiro passo nesse sentido.

Émilie – Estou envolvida com a tradução de uma antologia de contos produzidos nos séculos XIX, XX e XXI. Em nossa lista, há muitos escritores brasileiros importantes e que nunca foram traduzidos para o francês, como Autran Dourado, José J. Veiga, João do Rio, entre outros.

Eucanaã Ferraz (UFRJ) – *Carlos Drummond de Andrade dizia não desejar o Prêmio Nobel porque achava muito ruins as traduções de seus textos. De fato, elas estão muito aquém de sua grandiosidade poética. À obra de muitos autores brasileiros não foi feita a devida justiça no exterior, onde se produziram traduções um tanto precárias, que resolveram de maneira não muito feliz os problemas apresentados pelo texto e, de um modo ou de outro, acabaram se perdendo. Da mesma forma que a excelente tradução da obra de Clarice Lispector lhe rendeu estudos na Europa e na América do Norte, uma má tradução pode ser danosa para a recepção de um escritor pelos leitores estrangeiros. Como há um número cada vez maior de traduções de romances, contos, poemas e ensaios*

brasileiros para outras línguas, eu gostaria de saber se vocês acham que uma tradução antiga ajuda no trabalho de tradução atual, se serve como material de consulta, se possibilita um estudo comparativo.

Sophie – Algumas vezes, traduzi obras importantes, canônicas, bem posicionadas na história da literatura, que já haviam recebido tradução no passado. Poder perceber a diferença entre minha abordagem e a dos tradutores anteriores me ajudou muito no processo. Acredito que retraduzir não é apenas consertar as possíveis incorreções dos trabalhos anteriores, mas principalmente aproveitar a oportunidade de conectar a obra antiga ao momento atual. Nesse sentido, o tradutor é um operário capaz de devolver fôlego à obra; que pode, digamos, ajudá-la a escrever mais uma página de sua trajetória histórica. Para tanto, é fundamental usar com muita consciência as traduções anteriores. Respeitá-las é essencial para que o trabalho flua e seja bem-sucedido.

Émilie – É notável a diferença entre o trabalho de um profissional que acompanha a linha do tempo da tradução e o de outro que não o faz. A mim interessa a abordagem baseada no estudo das traduções antigas. Aliás, estamos produzindo na França uma história das traduções, um projeto inédito e inovador que pretende render as devidas loas aos tradutores e às traduções, da mesma maneira que existe a história das literaturas nacionais (para os textos originais). Participei do capítulo das traduções de obras da América do Sul. Esse trabalho coletivo é extenso, demanda muito tempo de pesquisa e produção exaustivamente minuciosa. Mas decerto será determinante para que as gerações futuras não apenas reconheçam e admirem o ofício do

tradutor, como se sintam motivadas a trilhar esse caminho, a fim de que as obras literárias do mundo perdurem, refinem a sensibilidade e enriqueçam os saberes de todos, sem distinção.